

Serviço Médico à Periferia Funchal 1981

Terminado o curso de Medicina em 1978, fiz o Internato Geral, então, com a duração de 2 anos, no Funchal, por razões familiares. Em 1981 fiz o SMP, também no Funchal, no Centro de Saúde do Bom Jesus.

Era o 3º ano de atividade médica, o 2º com autonomia, já apreendera muita coisa referente à população local, que para mim era completamente nova, nos estágios das especialidades hospitalares e principalmente no contexto da urgência, mas também no trabalho na Saúde Pública, assim se chamava o estágio no Centro de Saúde, então de 8 meses.

Mas o meu trabalho na Periferia não foi só na cidade. Durante os meses de Verão, quando os colegas que trabalhavam no “campo”, (fora do Funchal), em geral, vindos do “Continente”, iam de férias, cabia-nos a nós substituí-los.

Fiz consultas de Saúde de Adultos, Saúde Materna e Saúde Infantil, urgências, domicílios, abordagens de Saúde Pública, numa grande parte dos Centros de Saúde e ainda em dispensários por toda a Ilha da Madeira.

Saíamos de manhã cedo do Funchal, 3 ou 4 num carro do “governo”, que nos distribuía pelos Centros de Saúde e dispensários da Ilha, ao longo do dia, de acordo com uma escala feita na Saúde Pública, nos serviços centrais. Éramos “recolhidos”, no fim da tarde ou no dia seguinte, quando havia urgência noturna, para regressarmos ao CS Bom Jesus.

As condições de vida dos madeirenses, à época, a sua mentalidade, os termos usados no dia a dia, eram uma descoberta diária. Muitas são as coisas que não se esquecem, muitas boas, certamente, mas das menos boas, recordo-me mais.

Recordo aquela vez em que vou fazer um domicílio ao Caniço, para verificação duma baixa de um doente, cheguei ao “barraco”, através de uma vereda, vejo a esposa do doente, que me disse, chorando, “o meu homem não está, teve de ir ao Funchal, que o meu menino acordou morto”. Fiquei estarecida e senti uma compaixão enorme por aquelas pessoas.

Recordo a senhora idosa num domicílio perto de Santana, vivendo no patamar de uma daquelas casinhas/palheiro em madeira, com cobertura de colmo, sem quaisquer condições de habitabilidade, que serviram de modelo para as decorativas Casas de Santana, hoje no centro turístico da terra.

No Centro de Saúde da Ribeira Brava, que estava aberto 24 horas por dia, de tudo se fazia, sendo local onde chegavam acidentes de todo o tipo, lembro de nos ter calhado num dia, um homem totalmente carbonizado devido a acidente numa fábrica de pirotecnia, o pobre senhor ainda chegou vivo ao hospital da Cruz de Carvalho, hoje chamado de Nélcio Mendonça, a mais de 1 hora de caminho, na altura em que não havia vias rápidas.

Também acontecia recebermos outras situações preocupantes, mas bonitas, recordo uma grávida a chegar em trabalho de parto e ter ocorrido o nascimento sem incidentes, e ficarmos de coração cheio, antes de enviarmos a senhora e o bebé para o Funchal.

É verdade que tínhamos também as nossas compensações, como as batatas murchas com bacalhau desfiado, preparadas pela Senhora Maria no Centro de Saúde do Seixal, outro dos 5 Centros de Saúde que funcionavam 24 horas.

Na continuação do estágio de Saúde Pública, foi a Periferia, em que trabalhávamos 45 horas semanais, que viria a ser a inspiração para o tipo de medicina que gostaria de fazer.

Era um trabalho com a abrangência que viria ter a Medicina Geral e Familiar, carreira que segui e que foi muito gratificante para mim.

Helena Morgado Canada